

# **NO LIXÃO TAMBÉM NASCE FLOR: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE LEITURA EM PENITENCIÁRIAS DO DISTRITO FEDERAL**

**Maria Luzineide Ribeiro \***  
luzineide.professora@yahoo.com.br

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB).

## **Apresentação**

O presente relato tem como objetivo apresentar os desdobramentos de oficinas literárias e rodas de leituras realizadas em unidades prisionais do Distrito Federal durante o período de mestrado da autora no curso de Literatura da Universidade de Brasília, com a autorização da Vara de Execução Penal e da Subsecretaria do Sistema Penitenciário do DF. As oficinas foram realizadas nos anos de 2011 e 2012, com aproximadamente, 120 internos e 30 internas, com o objetivo de investigar a formação deste leitor e as potencialidades transformadoras da leitura, como manifestação artística, num espaço de violência e privação de liberdade.

O projeto Sob a custódia do tempo: a literatura no cárcere surgiu com o propósito de promover um espaço de produção de subjetividade deste sujeito, quando em contato com a literatura e suas interfaces - HQs, cordel, poesia, prosa e cinema. A partir do encontro com os mediadores das oficinas – estudantes de pós-graduação em literatura – os presos tiveram contato com grandes escritores da literatura brasileira como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna e tantos outros poetas relevantes ao cenário literário, além de conhecerem a contemporaneidade das HQs.

Os resultados desta experiência marcante foram descritos na dissertação de mestrado: *O mundo como prisão e a prisão no mundo*: Graciliano Ramos e a formação do leitor em penitenciárias do Distrito Federal. Será apresentado, neste momento, o recorte deste mundo invisível – um autorretrato – numa possível inscrição dessas vozes silenciadas no discurso social. Apresentamos, portanto, mais uma comunidade leitora e sua relação particular com o livro.

## Caracterização da Escola

Inaugurado em 1979, atualmente, o Complexo Penitenciário do Distrito Federal conta com seis unidades prisionais, classificadas segundo seus regimes prisionais, a saber: Penitenciária do Distrito Federal I (fechado), Penitenciária do Distrito Federal II (fechado e semiaberto), Penitenciária Feminina do Distrito Federal (fechado e semiaberto), Centro de Detenção provisória (presos provisórios) e Centro de Progressão Penitenciária (Semiaberto).

Cada instituição é dotada de biblioteca, contudo, a dinâmica de funcionamento não segue apenas a organicidade de um espaço de leitura comum com estante e livre acesso aos livros. Desde a escolha do bibliotecário – um preso classificado para trabalhar internamente na biblioteca – ao empréstimo do livro, são seguidas regras de segurança. Portanto, a prática de leitura está associada a cada gestão prisional e o seu olhar sobre o cumprimento do princípio da ressocialização.

Com cerca de quase 15.000 presos, distribuídos nas seis unidades prisionais, num espaço reservado a apenas 6.500 presos, o Distrito Federal é a única unidade da federação com superlotação em todas as suas penitenciárias.<sup>1</sup> Infelizmente, naquele momento de pesquisa, a superlotação já existia, porém em menor grau. Foram pesquisadas duas penitenciárias: a Penitenciária do Distrito Federal I e a Penitenciária Feminina do Distrito Federal, respectivamente penitenciária masculina e feminina. A primeira, construída segundo padrão pré-estabelecido pelo Ministério da Justiça, composta por celas de 18m<sup>2</sup> com capacidade para 08 internos<sup>2</sup>. A segunda, antiga instalação que abrigava uma instituição para menores, adaptada para atender à população feminina. Nestes espaços de pesquisa, a escola representa um lugar privilegiado.

A primeira unidade tem uma escola composta por oito salas em franca atividade, com atendimento em nível fundamental e médio no turno matutino e vespertino. Com o contingente aproximado de 3.000 presos, atende a cerca de 200 internos, semanalmente, com exceção do dia reservado à visita. O quadro

---

<sup>1</sup> Dados do Ministério da Justiça de 2014.

<sup>2</sup> Em função da superlotação, atualmente, cada cela comporta cerca de 20 internos, à época da pesquisa, eram 18, em média.

de professores é formado por profissionais da Secretaria de Educação do DF cedidos à Secretaria de Segurança. São 60 profissionais, com uma política salarial diferenciada do restante dos professores do estado, em função das atividades exercidas no interior dos presídios. Contudo, não se observa uma política educacional diferenciada para esta população. Observa-se a reprodução do modelo de educação trabalhado nas escolas extramuros para jovens e adultos.

É predominante nesta população a etnia negra e parda, aproximadamente, 77%. Verificam-se problemas resultantes de políticas sociais excludentes em nível de educação e preparação técnica para o trabalho – aspectos comuns à sociedade brasileira, reflexo disto é que 60% apresenta baixa instrução, ensino fundamental incompleto. Como na maioria dos estados brasileiros, a população encontra-se em idade produtiva, entre 20 e 35 anos.

Infelizmente, os dados revelam que em todo o complexo penitenciário, apenas, 14% da massa carcerária tem acesso às atividades educacionais. Dos alunos registrados, 20% estavam cursando o ensino médio e, menos de 2%, o ensino superior. Nos últimos anos, os indicadores evidenciaram a ausência de políticas públicas que viabilizassem e democratizem o acesso à educação, além de não existirem registros públicos das atividades pedagógicas desenvolvidas e nem tampouco novas propostas no sentido de garantirem o direito à educação a esta população.

Nesta descrição, é relevante para o nosso relato a compreensão da rotina diária deste aluno. O interno utiliza o pátio coletivo apenas três vezes por semana, nos demais dias, os internos ficam reclusos em suas celas, por aproximadamente, 96 horas semanais. Passam 22 horas em cela e 2 horas em banho de sol. Estes momentos são intercalados por atividades educacionais ou laborais, quando estas existem. No período de recesso escolar, os internos ficam nas celas, sem nenhum tipo de atividade. É neste espaço coletivo que se desenvolve a leitura.

Lamentavelmente, é neste cenário de completa ociosidade, que a educação deixa de ser um direito e passa a ser um privilégio para poucos eleitos. Muitos internos aguardam, em lista de espera, por anos, a oportunidade de

estudar, podendo progredir o regime prisional, sem ter conhecido ou, até mesmo, sem ter estado num espaço educacional semelhante.

### **Fundamentação Teórica**

Consideramos que a literatura no cárcere apresenta-se como espaço de resistência pacífica e produtiva diferente de todo àquele quadro de ócio, submissão e prisionização. Com efeito, a prática da leitura, como indica Manguel, conduz a essa compreensão do mundo ao nosso redor e percepção de quem de fato somos. Pensando sobre este aspecto, no momento da compreensão da própria existência, o livro surge como instrumento de interação do indivíduo com o meio e dessas relações existentes e também como seu espaço privado, seu canto da casa: “cada livro passa a ser um mundo em si mesmo”.<sup>3</sup>

Sabemos que enquanto estética, a literatura transfigura a realidade, permitindo ao indivíduo criar mundos imaginários, bem diferentes das sociedades modernas de ritmo bem acelerado, sem espaços para convivência e fantasia. Neste sentido, para o indivíduo em confinamento, esta possibilidade é potencializada e a literatura surge como uma chance de sobrevivência. Contudo, muitas vezes, quem lê é marginalizado e enfrenta a hostilidade de um ambiente heterossexual, devendo, portanto, apresentar um comportamento próprio desse grupo, ou seja, exercitando o corpo e não a mente. Constatamos tal postura no relato de um ex-detento, André du Rap: “Se eu pedia um livro emprestado a um carcereiro, este respondia: ‘Pra quê ladrão? Você vai virar veado!’ E emprestava histórias açucaradas ou livros de Paulo Coelho, só de sacanagem”.(GIRON, 2006, p. 37).

Na esteira deste processo de confinamento, Goffman (1990) chama atenção para o processo de “desculturamento” a que o indivíduo é submetido numa instituição total, ou seja, após uma longa estada distante do mundo exterior demonstra incapacidade de enfrentamento de alguns aspectos da vida diária. A leitura rompe as possibilidades de alienação do sujeito e de modulação do seu pensamento.

---

<sup>3</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma história de Leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

A experiência de leitura pressupõe uma prática cultural e plural na qual o leitor admite-se como sujeito ativo do processo e, portanto, como indivíduo capaz de assumir uma nova postura frente a uma realidade que vai sendo transformada a partir do acúmulo de conhecimento apreendido. Segundo observa Maria Helena Martins (2005):

Esse seria, digamos o, lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 2005, p.17)

Uma experiência literária no cárcere subverte todo o entendimento acerca de um processo comum de leitura. Muitas são as questões envolvidas na formação deste leitor, desde as relações sociais periféricas, enquanto homem livre, às relações sociais no submundo da prisão. A construção desse terceiro sujeito, produto de uma sociedade extra e intramuros interfere diretamente na formação deste leitor, uma vez que se encontra sob a égide da disciplina moduladora de comportamentos associada a um processo constante de despersonalização.

Assim, é preciso ressaltar a importância da leitura como processo de vivificação deste indivíduo, que, por alguns momentos, parece desconectar-se daquela realidade. E por fim, acreditar fortemente nas palavras de Michèle Petit (2009) quando diz que por meio da leitura, mesmo esporádica, o indivíduo pode estar mais preparado para resistir aos processos de marginalização e encontrar certa mobilidade no tabuleiro social.

### **Descrição da Experiência**

A proposta de realização das oficinas literárias foi pensada como método para coleta de dados sobre o perfil do leitor no cárcere, mas, aos poucos, tornou-se oportunidade única em conhecer o detento do Distrito Federal sob outra ótica, bem distante daquele viés criminológico. Por outro lado, propiciou o contato do aluno com vários textos, promoveu atividades como rodas de conversa, dramatização, declamação de poesias, debates que possibilitaram a comunicação

e expressão como ressignificação da identidade deste sujeito enquanto leitor e ser social.

A equipe de trabalho foi formada por alunos do curso de mestrado do Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília (UnB), de diversas linhas de pesquisa e do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituições reconhecidas pela excelência no ensino, pesquisa e extensão. Num primeiro momento, foi realizada a visita dos professores às unidades pesquisadas para reconhecimento daquela realidade, do espaço das oficinas e possíveis desistências em razão da natureza do trabalho.

Não havendo nenhuma desistência por parte dos professores, foram organizadas sete oficinas de leitura, com debates em torno do autor e sua obra: Crônicas de Lima Barreto, Análise da obra Memórias póstumas de Brás Cubas (Machado de Assis), com a temática liberdade e escolha. Noutro aspecto, foi trabalhada a linguagem cinematográfica - relação poesia e cinema; a linguagem poética com a temática saudade da infância. E com uma abordagem mais pragmática, a literatura de cordel com o tema sonhos e expectativas; e a literatura em quadrinhos.

Inicialmente, as oficinas literárias atenderam 80 alunos do ensino médio e 10 alunos do ensino fundamental na penitenciária masculina no espaço destinado à escola composto por cinco salas. Ressalta-se que o curso foi oferecido aos alunos no período de recesso escolar e a inscrição foi voluntária. Houve adesão de 100% dos alunos do ensino médio e as vagas remanescentes foram oferecidas aos alunos de ensino fundamental. Foram produzidos diversos textos entre poesias e xilogravuras.

Durante aquela semana, ao receberem as visitas de seus familiares, os internos compartilharam as experiências das oficinas e segundo relatos, puderam falar com seus filhos sobre os livros lidos e seus gostos literários.

Num segundo momento da pesquisa, foram realizadas rodas de conversas, na penitenciária feminina que tiveram como único critério de seleção a participação de internas que soubessem ler e escrever. Solicitamos um grupo menor, de 30 internas, assim haveria a possibilidade de melhor escuta. Todas as participantes eram do regime fechado e ficariam internadas, em média, de

quatro a oito anos. A pesquisa se desenvolveu durante cinco dias. Num primeiro contato, houve o comparecimento de todas as selecionadas, a partir do segundo dia, o grupo diminuiu para dez participantes. Pensamos, inicialmente, que haveria comprometimento da pesquisa em função desta desistência, no entanto, concluímos que foi melhor para a observação e análise.

O questionário elaborado foi aplicado no mês de outubro de 2011 e não exigia identificação, no entanto, todos se identificaram. As questões se resumiam ao histórico do leitor e sua experiência de leitura na prisão, questões relacionadas ao hábito de leitura antes e depois da prisão, o número de livros lidos mensalmente, a motivação da leitura, oferta e preferências de leitura, quais os estímulos para a leitura e quais os aspectos positivos à prática de leitura no cárcere. A roda de conversa foi desenvolvida, a partir da leitura de poesias de Adélia Prado que trabalhavam o universo feminino, com a participação de estudantes de Direito que, também, discutiram as mesmas poesias em suas aulas na Universidade de Brasília. Sem dúvida, foram momentos inesquecíveis. Somente possíveis por se tratar do encontro entre leitores que compartilharam espontaneamente experiências de vida e puderam aprender um com outro.

### **Avaliação dos Resultados**

Na última semana das oficinas, foram aplicados questionários e realizadas conversas com os participantes com o objetivo de avaliação de toda a proposta. Alguns presos relataram que não acreditavam que voltaríamos no dia seguinte à aula, em função dos entraves naturais no sistema penal. Outros acreditavam que alguns professores não voltariam, em função da periculosidade do público, mas à medida que o trabalho avançava, foram se convencendo de que seria produtivo aquele momento. Todas as oficinas foram bem recebidas, mas duas se destacaram: a de poesia e de xilogravura. Toda a produção de poesias e xilogravuras foi apresentada em uma exposição que encerrou este momento. Com a presença de autoridades da Segurança Pública e da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, muitos funcionários demonstraram surpresa ao verificar que eram produções dos internos. Com a conclusão das oficinas literárias e rodas de conversas, alguns professores comentaram que os alunos solicitaram a continuidade das oficinas no semestre seguinte, no período de férias.

Todo o trabalho trouxe um novo olhar sobre este grupo, pois foi verificada a existência de uma comunidade leitora na prisão, surgida a partir do ócio, mas mantida pelo gosto da leitura. Após esta experiência, os professores na escola passaram a utilizar mais o espaço da biblioteca. Um novo público leitor surgiu e os internos passaram a ser conhecidos, também, pelo seu texto, e não só pelo seu crime. Quanto às mulheres, puderam falar de suas angústias por meio de poesias. Criou-se um espaço para a fala, prática pouco compartilhada entre elas.

Com esta proposta, foram abertas novas possibilidades como a oficina de pintura e o projeto de remição pela leitura.

### **Considerações finais**

Os resultados da pesquisa apontaram para predisposição do preso à prática de leitura, numa análise contrária à formação de leitores extramuros representada pelo pouco interesse pela leitura e por outros fatores complicadores desse processo de formação. No cárcere, constatou-se a existência de algumas variáveis que influenciam o processo de formação deste leitor: o ócio, a superlotação, o acesso e a participação do agente penitenciário.

Sem dúvida, foi significativa e surpreendente a participação dos internos que a cada oficina sentiam o descortinar de um mundo novo e, aos poucos, interagiram com os professores de tal forma que estes se propuseram a ministrar novas oficinas. Se, inicialmente, existia a preocupação dos professores de estarem numa prisão, esta foi superada pela troca de informações sobre a arte de ler e produzir textos. Interessante foi experimentar a humanidade trazida e compartilhada pela leitura. Dois mundos tão distantes – prisão e leitura – pareceram estar numa relação estreita e bem demarcada. Aos professores das oficinas, restou a vontade de mais uma vez encontrar aqueles leitores. Já aos professores da escola do presídio, ficou a vontade de fazer de suas aulas uma experiência nova. O intercâmbio de experiências foi inesquecível. Em raros momentos, os professores puderam estar *tête à tête* com leitores ávidos por conhecer um novo mundo e carentes de pessoas para mostrá-lo: eis um



encontro emblemático enredado pelas tramas do texto e vivo nas palavras dos Racionais MC's: "Tenha fé, porque até no lixão nasce flor".

### Referências

GIRON, Luís Antônio. *Vozes da prisão: pena de sangue*. *Revista Cult*, n. 59, p. 34-44, jul. 2006

GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1990.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de Leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é a leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2ª ed. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

## Anexos

Poesias produzidas

*Muros cercam o meu corpo  
Minha mente não  
Ela voa o tempo todo  
E não falta imaginação...  
Pátio e sol  
Voltas sem fim  
Fico atordoado  
Ajude-me anjo Serafim  
Que tudo isso acabe  
E logo tenha um fim...  
**O.P.L.***

*Quem inventou as grades  
Não sabe a dor da saudade  
Saudade que desespera  
Lembranças de um tempo que não volta mais  
Recordações que ficam na memória  
Ausência da família que desanima  
A cada dia, com a vivência,  
A infância com a família vai  
Ser lembrada só no passado  
Agradeço a Deus por estar nesta vida  
Só de passagem.*

**R. G. de O.**



## Oficinas de xilogravura

